

ANNEXO D

Thimoteo Corrêa de Goes, segundo Azevedo Marques, era natural de Santos, filho de Sebastião Fernandes Corrêa, 1.º provedor e contador da fazenda real em Santos, e de D. Angela de Siqueira. Esta era filha de Luiz Pedroso de Barros, neta de Pedro Vaz de Barros, famosos paulistas que devassaram os sertões do Brazil, e o ultimo ainda distinguuiu-se nas guerras contra os hollandezes, á frente de bandeirantes paulistas.

Do casamento de Sebastião Corrêa (1) e de D. Angela nasceu sómente um filho, Thimotheo, que ficou orphão em baixa idade; sua mãe casou-se uma segunda vez com o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, 3.º filho de Lourenço Castanho Taques, illustre paulista, contemporaneo e amigo de Amador Bueno da Ribeira e um dos troncos de que descendem os *Toledo Piza*, os *Barros*, os *Mendes de Almeida* e outras familias existentes neste Estado.

Deste segundo casamento D. Angela teve 7 filhos dos quaes são notaveis José de Goes e Moraes, capitão-mór, muito rico, que por mero capri-

(4) Era filho de um outro Sebastião Fernandes Corrêa, que foi casado com Anna Ribeiro, bisneta de Estevão Ribeiro Bayão e parente chegada do celebre sertanejo João Amaro Maciel Parente. Este segundo Sebastião Corrêa era sogro do segundo Simão de Toledo Piza, e foi um dos troncos da familia deste apellido.

(N. da R.)



cho comprou por 44,000 cruzados, pagos á vista, as quarenta leguas de costa que o governo portuguez tinha concedido a Pedro Lopes de Souza, ao sul de Cananéa, e que deixou descendencia existente até o presente, e D. Leonor de Siqueira, que foi casada com o sargento-mór Bartholomeu Paes de Abreu e tornou-se mãe do illustre historiador Pedro Taques Paes Leme.

Thimotheo Corrêa de Goes herdou de seu pae os cargos de provedor da fazenda real e juiz da alfandega de Santos e entrou no exercicio delles apenas alcançou a idade legal. Pedro Taques, o chronista, que era seu sobrinho carnal, diz delle o seguinte :

« Achando-se Thimotheo Correa de Góes em S. Paulo em companhia de sua mãe e de seu padrasto, succedeu que um empregado da Alfandega, chamado José Pinheiro, tirasse despoticamente uma caixa de encomendas, vindas do Rio de Janeiro, sem o pagamento dos direitos devidos.

« Esta falta foi communicada a Thimotheo Correa de Góes pelo seu immediato, que estava regendo a repartição, e de S. Paulo ordenou Góes que fosse recolhido a prisão o empregado delinquente, o que se fez. Mas o capitão-mór Diogo Pinto do Rego (1), já então em avançada idade, homem poderoso pelos seus cabedaes, prestigio do cargo, e compadre do delinquente, dirigio-se á cadeia e ordenou ao carcereiro que puzesse em liberdade o preso, no que foi obedecido. Este procedimento

(1) Vide annexo C.

escandalisou os numerosos parentes e amigos de Thimotheo Corrêa de Góes e accordou-se desde logo em S. Paulo fazer manter o prestigio deste, recolhendo de novo o culpado a prisão. Deste accordo teve logo conhecimento o poderoso Diogo Pinto do Rego, que começou por armar o seu numeroso sequito de escravos, parentes e adherentes, e a fortificar-se em sua propria casa, que era nas fraldas do Montserrate (1), recolhendo a ella o delinquente, e muito armamento, polvora e balla, e tomando todas as providencias para resistir a qualquer ataque, no qual era sua intenção perecer antes do que ser vencido.

« De S. Paulo desceo Thimotheo Corrêa de Góes, com seu padraсто o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, acompanhados de um corpo de mais de 500 indios e 100 homens brancos armados, trazendo no seu partido a flor da sociedade paulistana (2), taes como os capitães Fernando Paes de Barros, Pedro Vaz de Barros, Francisco de Almeida Lara, Antonio Pedroso de Barros, João Pires Rodrigues, José Pires de Almeida, Salvador Pires de Almeida, Pedro Taques Pires, Luiz Pedroso de Almeida, Maximiano de Góes Siqueira, Lourenço Castanho Ta-

(1) Alta e ingreme collina, que fica a cavalleiro sobre a cidade de Santos; tem no cume uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Montserrate e um systema *telegraphico* para annunciar a chegada dos navios. Goza-se de lá de um bellissimo panorama que abrange a cidade, a bahia, as serras circulares, e o mar até sumir-se no horizonte.

(2) Pedro Taques era aparentado com todas as familias importantes de S. Paulo e muitissimo respeitado por seu caracter honesto e costumes puros.

(N. da R.)



ques o moço (1), e outros bem como Pedro Frazão de Brito com o seu contingente de Parnahyba.

« Todos estes paulistas eram capazes de qualquer empreza arriscada e com ellas já familiarizados. Chegados que foram á villa de Santos, acamparam-se nas immedições da casa do capitão-mór Diogo Pinto do Rego, mas em distancia a que não chegassem os tiros, que pelas janellas e frestas podiam ser disparados, e ahi permaneceram sem aggressão de qualquer dos partidos.

« Consumidos alguns dias em embaixadas de parte a parte pelos frades dos conventos, que nada conseguiram, occorreu a Domingos Dias da Silva (2), bravo paulista do sequito de Góes, a lembrança de assestar a artilharia do porto da villa contra a casa de Diogo Pinto do Rego, o que feito dirigiram logo

(1) Fernando Paes de Barros era tio de Pedro Vaz de Barros; Fernando foi um notavel sertanejo e cidadão muito importante, morreu solteiro; Pedro Vaz era muito rico, senhor do engenho de *Catãna*, tres leguas ao sul de S. Paulo, com mais de 600 escravos e indios. Antonio Pedroso era irmão mais velho de Fernando Paes e pae de Pedro Vaz, era lavrador muito rico, tendo mais de mil indios e escravos. João Pires Rodrigues era casado com Branca de Almeida, lillia do velho Lourenço Castanho Taques; era portanto cunhado de Lourenço Taques o moço, primo-irmão de Amador Bueno da Ribeira e sogro do capitão-mór D. Simão de Toledo Piza. Luiz Pedroso assignava-se *de Barros* e não *de Almeida*, como aqui está, era irmão de Maximiano de Góes, e ambos eram filhos de Lourenço Taques—o moço. Os outros todos aqui mencionados eram parentes mais ou menos chegados de Pedro Taques e de Thimotheo Corrêa de Góes.

(2) Domingos Dias da Silva tomou parte na guerra contra os *Emboabas* e fez muitos serviços que lhe valeram a patente de brigadeiro. Era genro de Lourenço Castanho Taques—o moço, e possuia grandes propriedades agricolas no municipio da capital. Falleceu em 1729.

(N, da R.)



um *ultimatum* ao mesmo para que entregasse o culpado. Neste apertado lance o zelo e conselho dos commissarios conseguiram que Diogo Pinto cedesse do seu proposito e entregasse o preso, que foi recolhido a cadêa, somente por duas horas, no fim das quaes foi posto em liberdade. Então houve alegria geral, e protesto de harmonia para ambas as partes, celebrando-se a reconciliação com repiques de sinos e *Te-Deum* na igreja matriz. Assim terminou felizmente esta questão que começou com aspecto medonho, e que a continuar por mais uma hora teria envolvido toda a capitania de S. Paulo em uma sanguinolenta guerra. »

A reconciliação foi tão perfeita que uma filha de Thimotheo, chamada Izabel de Araujo, casou-se com Diogo Pinto do Rego, neto do capitão-mór Diogo Pinto, que foi o provocador da desordem. Falleceu Thimotheo em 1732, tendo sido casado com Maria das Neves, descendente das illustres familias dos Godoy Moreira e dos Leme, e deixando 2 filhos e 5 filhas, uma das quaes foi Maria Leme, mãe do brigadeiro José Pedro Galvão de Moura Lacerda.

Diogo Pinto do Rego, o causador da desordem, era portuguez e capitão-mór de S. Vicente; foi casado com uma irmã do capitão Francisco de Brito Peixoto, fundador da Laguna, que legou os seus serviços ao segundo Diogo Pinto do Rego, neto deste. A familia Pinto do Rego tornou-se proeminente em S. Paulo e muito numerosa; a ella pertencia o brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes Leme, que tão grande parte tomou na *Bernarda de Francisco Ignacio*, em 1822, e a ella pertencem todos os Rego Freitas e parte dos Camargos, da Capital.

Pedro Taques de Almeida, padrasto de Thimo-



theo, era filho do velho Lourenço Castanho Taques e um dos cidadãos mais importantes de S. Paulo dos tempos coloniaes ; foi provedor e contador da fazenda real em S. Paulo, juiz da Alfandega, vedor da guerra e commandante do forte de Itapema, em Santos, capitão-mór e governador da capitania (com 80\$000 de soldo por anno), alcaide-mór e administrador das aldeias do padroado real, correspondia-se com o rei de Portugal e era ouvido com attenção e respeito sobre os negocios publicos. Diz Azevedo Marques que « Pedro Taques fundou e fez construir á sua custa, na igreja da ordem terceira do Carmo, o altar do Senhor Bom Jesus e um jazigo para si e sua familia. Emquanto viveu fez celebrar neste altar missa em todas as sextas-feiras, e no dia 3 de Maio fazia a festa com grande pompa. Fundou no mosteiro de S. Bento outro altar de talha dourada, no qual collocou a imagem da Senhora da Conceição, e a 8 de Dezembro fazia tambem a sua custa uma completa solemnidade. Instituiu um vinculo, com a renda do qual se fizessem depois de sua morte aquellas festividades, cuja administração encarregou por testamento a seus descendentes varões, o primeiro dos quaes foi seu filho o capitão-mór José de Goes e Moraes, e o ultimo o seu quarto neto o brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto. »

Pedro Taques de Almeida teve 6 irmãos e 3 irmãs; dos primeiros dois foram padres, sendo que um destes, Francisco de Almeida Lara, foi bispo honorario e varão de grandes virtudes; dois outros, Lourenço Taques—o moço e Thomé de Lara, eram cidadãos muito prestantes. Thomé de Lara casou-se duas vezes e teve 16 filhos, que criou; o mais velho destes chamava-se Fernando Paes de Barros,



que convem não confundir com o outro, que era filho de Pedro Vaz de Barros—o velho. Das irmãs de Pedro Taques, uma casou-se com João de Toledo Castelhanos e outra, Branca, casada com João Pires Rodrigues, *o pai da patria*, é a heroína do romance *Padre Belchior de Pontes*, de Julio Ribeiro.

A. DE TOLEDO PIZA.

